



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS REALEZA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
PORTUGUÊS E ESPANHOL**

FERNANDA STROZACK

**A ÁGUA AMBIVALENTE E SUAS REPRESENTAÇÕES:
MERGULHOS EM LITERATURA E FILOSOFIA**

**REALEZA
2021**

FERNANDA STROZACK

**A ÁGUA AMBIVALENTE E SUAS REPRESENTAÇÕES:
MERGULHOS EM LITERATURA E FILOSOFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola.

Orientador: Prof. Dr. Saulo Gomes Thimóteo

REALEZA

2021

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao professor Saulo G. Thimóteo por ter aceitado ser meu orientador, e embarcar junto nessa viagem, obrigada pelas ideias, sugestões, e orientações, por ser aquele a acender a luz do farol quando eu estava perdida em meio ao nevoeiro.

Aos meus pais e irmão, por compreenderem os momentos de ausência, e darem sempre seu apoio.

Aos amigos que acompanharam essa trajetória, principalmente minha amiga Clair de Fátima Candido de Ramos, que estavam sempre dispostos a ouvir uma tagarelice sem fim sobre o trabalho, e me tranquilizarem.

Por fim, às orixás Iemanjá e Nanã, assim como à deusa Atena, pela inspiração. Ao universo minha maior gratidão.

RESUMO

Abordamos neste trabalho o símbolo ambivalente do elemento água, e como se dão suas interpretações no meio filosófico e literário, para tanto nos apoiamos em uma revisão bibliográfica, onde, a partir da obra *A Água e os Sonhos* (1989) de Gastón Bachelard, livro no qual o autor descreve sua teoria das diferentes imaginações, iniciando pela imaginação material conduzida pelo elemento água; juntamente com livro *Mitologia dos Orixás* (2001) de Reginaldo Prandi, entre outros, analisa-se como a mitologia lorubá concebe a manifestação do elemento água, tanto em seu aspecto criador como destruidor. Para esta análise, seguimos a concepção de devaneio poético desenvolvida pelo filósofo Bachelard, e escolhemos dois mitos com maior representatividade do elemento com esses aspectos. Assim podemos observar como a visão metapoética do filósofo se faz presente na cultura lorubá por meio das histórias das orixás femininas Iemanjá e Nanã, conhecidas também como as mães primordiais, e senhoras das águas.

Palavras-chave: Água. Mitologia. Gaston Bachelard.

ABSTRACT

El presente trabajo aborda el símbolo ambivalente del elemento agua y su interpretación en el ámbito filosófico y literario. Para tanto, nos basamos en una revisión bibliográfica, donde, a partir de la obra *El agua y los sueños* (1989) de Gastón Bachelard, libro en que el autor describe su teoría de las diferentes imaginaciones, empezando por la imaginación material impulsada por el elemento agua; junto con el libro *Mitología de los Orixás* (2001) de Reginaldo Prandi, entre otros, analizamos cómo la mitología yoruba concibe la manifestación del elemento agua, tanto en sus aspectos creativos como destructivos. Para este análisis, hemos seguido la concepción de la ensoñación poética desarrollada por el filósofo Bachelard, y hemos elegido dos mitos con mayor representación del elemento con estos aspectos. Así, podemos observar cómo la visión metapoética del filósofo está presente en la cultura yoruba a través de los relatos de las orixás femeninas Iemanjá y Nanã, también conocidas como madres primordiales y damas de las aguas.

Palabras-Clave: Agua. Mitología. Gaston Bachelard.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 GASTON BACHELARD: CORRENTEZA DE IMAGINAÇÃO E DEVANEIOS	9
3 O MERGULHO NAS ÁGUAS: DA SUPERFÍCIE À IMENSIDÃO DO PROFUNDO	12
3.1 A ÁGUA COMO ELEMENTO FEMININO	15
3.2 AS PRIMEIRAS SENHORAS DA ÁGUA: NANÃ E IEMANJÁ.	17
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23
ANEXO A- Mito lorubá: Iemanjá ajuda Olodumare na criação do mundo	25
ANEXO B- Mito lorubá: Nanã fornece a lama para a modelagem do homem	26

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar as diferentes mitologias, podemos analisar que, independente de como essas culturas constituíram sua religiosidade e organizam suas sociedades, elas compartilham certos elementos, e por vezes, por mais diferentes que estas culturas sejam entre si, suas concepções acerca desses elementos não são tão distintas. Há uma espécie de arquétipo comum ancestral que faz alusão ao fato de que todos teríamos uma rede de memórias elementais compartilhadas.

Carl Gustav Jung foi quem estabeleceu a idéia do inconsciente coletivo, trazendo sua teoria de que estas memórias ou imagens primordiais pertencem a todos no inconsciente, e são ativadas quando nos deparamos com determinadas situações, chegando até nós através dos sonhos.

Podemos ainda tecer uma relação entre a nossa criatividade/imaginação estritamente ligada com as lembranças, que une o que é com o que foi, e cria assim sua própria teia particular de conhecimentos, conectando estes aos saberes ancestrais que estão presentes na memória coletiva, mas que alcançam cada indivíduo de maneira única, interligando-se aos saberes adquiridos por meio das vias literárias, de saberes culturais aprendidos socialmente, de modo empírico e tantas outras formas, ampliando nosso repertório particular de conhecimento.

Isso possibilita que cada arquétipo tenha uma conotação distinta para cada pessoa, mesmo os compartilhados de forma universal. Como se pode ver na concepção do filósofo Gaston Bachelard, para o qual:

É essa contribuição pessoal que torna os arquétipos vivos; cada sonhador repõe os sonhos antigos em uma situação pessoal. Assim se explica porque um símbolo onírico não pode receber, em psicanálise, um sentido único. (BACHELARD, 1990, p. 174).

Como mencionado por Bachelard, um símbolo e um arquétipo não podem ser compreendidos de uma única forma, pois estes estão livres para diferentes

interpretações. Porém, vê-se certa regularidade de características que os identificam e permitem criar linhas de definições acerca do que são, e o que representam.

Partindo disso, esta pesquisa busca atrelar dois pontos de vista da área das ciências humanas: o filosófico e o literário, onde serão analisadas como diferentes áreas de estudo compreendem a dualidade criadora e destrutiva do mesmo arquétipo, sendo o elemento água o símbolo escolhido para análise, dada sua importância para a humanidade, que desde os primórdios compreendeu que este elemento era vital, apropriou-se dele de diversas maneiras de acordo com sua necessidade e cultura. Sobre a utilização desse recurso hídrico simbólico pelos grupos sociais, os autores Rangel e Gomberg apontam:

A água assume diversos significados consoante às relações, às pulsões e aos afetos que despertam nos grupos sociais. Pode ser um recurso natural, apaziguadora do clima, fonte de saciedade da sede, um composto ou fórmula química, meio de transporte, atrativo turístico, irrigadora das plantas, mercadoria que dá lucro, fonte de inspiração para os artistas, metáfora para a modernidade, elemento da natureza a ser respeitado e adorado, instrumento de purificação da alma em diversas religiões. Seja como for, a água compõe nossas entranhas, está em todos os seres vivos e nas nossas relações com o mundo. (RANGEL; GOMBERG, 2016, p.1)

Uma das primeiras formas que o homem encontrou de justificar o comportamento da água foi através dos mitos, assim de acordo com a importância da água para aquela cultura criava-se um ou mais deuses para esta e suas representações. Observa-se na mitologia lorubá a existência de variadas deusas representantes da água, cada uma expressando biomas aquáticos e características de humores a eles associados, fazendo com que não só a figura da orixá representasse os atributos, mas que o elemento adquirisse as mesmas propriedades.

Logo encontramos as *yabás*¹, as seis orixás femininas mais conhecidas no candomblé, das quais todas representam algum aspecto aquático. Sendo

¹ "Rainhas-mães".

Nanã e Iemanjá as mais velhas, representando as primeiras mães, os aspectos primordiais da criação da terra e da vida humana, mas também possuidoras de poderes sobre a morte, representando assim uma dualidade cósmica.

Deste modo, discutiremos como a dualidade (vida/morte) elemental representada pelas duas orixás citadas está relacionada à visão teórica de Gaston Bachelard, filósofo francês que teceu sua teoria acerca das formas de imaginação, partindo do pressuposto que esta imaginação sofre influência direta dos arquétipos dos quatro elementos - terra, fogo, água, ar -, no entanto nos concentraremos somente no livro *A Água e os Sonhos* (1989), onde o autor fala sobre este elemento e os desdobramentos escolhidos para pesquisa.

2 GASTON BACHELARD: CORRENTEZA DE IMAGINAÇÃO E DEVANEIOS

Observa-se em Gaston Bachelard uma dualidade constante, em ambas suas distintas fases de estudo, caracterizadas como: fase diurna (período no qual se dedicou aos estudos lógicos científicos, no início da carreira de magistrado) e a fase noturna (período voltado para filosofia, e artes).

Esta última fase se inicia com a publicação do trabalho *Instant poétique*, *Instant métaphysique*, e ganhando forma de fato em seu livro *A psicanálise do fogo*, com Bachelard reconhecendo a força das imagens e da imaginação, concebendo seus estudos sobre estas.

Rompendo com a sua visão anterior - a qual valorizava a formação lógica empírica, e apontava que a imaginação era nociva à racionalidade da ciência - o autor lança uma perspectiva sobre as formas de imaginação, dividindo-as em imaginação formal e imaginação material.

A primeira sendo uma imaginação consciente, que apenas reproduz as imagens do real, que se mantém na superfície dos acontecimentos, não se aprofundando no sentido das imagens, somente observando a forma. Segundo a estudiosa Marly Bulcão (2015), trata-se de uma imaginação baseada no olhar,

que se encanta com o que observa, contemplando-o sem necessidade de transmutá-lo.

A segunda, por sua vez, se constitui através da sensação despertada pela imagem que suscita o devaneio, visto que “a imaginação é devolvida à sua função vital que é valorizar as trocas materiais entre o homem e as coisas” (BACHELARD, 1990, p. 51). Assim, a imaginação criadora trata do trabalho das forças arquetípicas presentes em nossa psique, contra o material, buscando transformá-los de acordo com o que cada matéria é capaz de suscitar, para que então o devaneio possa estabilizar-se.

Quando um devaneio, quando um sonho vem assim absorver-se numa substância, o ser inteiro recebe dele uma estranha permanência. O sonho adormece. O sonho estabiliza-se. Tende a participar da vida lenta e monótona de um elemento. Tendo encontrado seu elemento, vem fundir nele todas as suas imagens. Materializa-se. Cosmotiza-se. (BACHELARD, 1989, p. 93)

Através da compreensão da ligação do devaneio ao elemento, podemos observar, como o autor indica, a constância que o devaneio absorve, assumindo atributos da matéria, estimula a rede de sensações, lembranças, arquétipos e criatividade do ser fazendo com que o homem deixe de se encantar com a forma e descubra uma nova matéria criada a partir do aprofundamento particular. Possibilitando que o sujeito trabalhe esta nova matéria, fazendo que ela deixe de ser um sentido fugaz, mas seja capaz de suscitar uma poética própria, criar novas imagens, novos sentidos, guiados de acordo com as regras do elemento ao qual se conectou, fazendo com que o devaneio se transmute em obra.

No que se refere às imaginações, o autor aponta que uma não anula a outra, na verdade ambas caminham juntas; para que possa um bom entendimento necessita-se adentrar no profundo do devaneio, mas manter à luz um distanciamento que permita que não percamos nosso objeto de vista.

Sem dúvida, há obras em que as duas forças imaginantes atuam juntas. É mesmo impossível separá-las completamente. O devaneio mais móvel, mais metamorfoseante, mais totalmente entregue às formas, guarda ainda assim um lastro, uma

densidade, uma lentidão, uma germinação. Em compensação, toda a obra poética que mergulha muito profundamente no germe do ser para encontrar a sólida constância e a bela monotonia da matéria, toda obra poética que adquire suas forças na ação vigilante de uma causa substancial deve, mesmo assim, florescer, adornar-se. (BACHELARD, 1989, p.2)

Seguindo seus estudos, vemos o adentramento na imaginação material e seus desdobramentos que são diferentemente guiados por cada um dos quatro elementos - terra, fogo, água e ar - os quais são escolhidos, pois estes elementos são vistos, desde os antigos filósofos gregos como Empédocles de Agrigento, como substâncias primordiais presentes tanto no material, quanto na psique humana, criadores dos demais arquétipos, capazes de definir temperamentos que conduziam o pensar. Segundo o autor André Vinícius Pessôa, os quatro elementos para Bachelard são vistos como: “sentimentos humanos primitivos, realidades orgânicas primordiais e temperamentos oníricos fundamentais.”(PESSÔA, 2008, p.2).

Entretanto, Bachelard não busca através dos elementos criar um conjunto de estruturas que irão ditar como o devaneio acontecerá, mas sim propicia caminhos para tal. Isto posto, os elementos ajudarão a conduzir a imaginação, para que esta possa se reinterpretar sem se tornar algo preso pelas formas, mas que possua um sentido plausível:

Não estamos em erro, acreditamos, ao caracterizar os quatro elementos como hormônios da imaginação. Eles põem em ação um grupo de imagens. Ajudam a assimilação íntima do real disperso em suas formas. Por eles se efetuam as grandes sínteses que dão características um pouco regulares ao imaginário. (BACHELARD, 2001, p. 12)

Em vista desta assimilação íntima do real, Bachelard inicia em seu livro *A Água e os sonhos* os estudos da imaginação material, dado que a água é o elemento da transitoriedade entre o fixo e volátil, das águas superficiais e profundas, assim a partir dos estudos dualistas da água, tornou-se possível a realização das outras formas de imaginação que são desencadeadas de acordo com os demais elementos.

3 O MERGULHO NAS ÁGUAS: DA SUPERFÍCIE À IMENSIDÃO DO PROFUNDO

Desde muito cedo, o homem compreendeu a necessidade da água, tanto que desde as primeiras civilizações até as grandes sociedades atuais, se formaram em locais onde se tinha melhor acesso a ela, a água acompanhou a evolução da sociedade humana, sendo percebida e tratada com menos ou mais importância de acordo com as épocas e as atividades sociais desenvolvidas.

A água com todo seu volumoso oceano e a imprevisibilidade de suas chuvas, quando não temporais, causavam inquietações aos humanos, que por vezes, não conseguiam explicar de forma racional as ações da natureza. Desta maneira, para justificar seus acontecimentos, recorriam à sua imaginação criando os mitos. Sobre estas histórias primordiais, o autor Mircea Eliade escreve.

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (ELIADE, 1972, p. 09)

Logo criaram-se deuses para o mar, chuva, rios e outros meios aquáticos que necessitassem de explicações, justificando que eram seus humores que ditavam como estes elementos se comportam. Nota-se ainda que cada deus correspondia às necessidades biológicas, sociais e comportamentais de cada região.

Com o passar dos séculos, o desenvolvimento da civilização se tornou gradualmente maior, o pensar mais lógico veio aos poucos tomando forma de acordo com o crescimento das cidades, seu comércio e contato com o exterior e outras formas de cultura.

Sem demora, a mitologia não mais dava conta de justificar tudo ao seu redor, assim passou a se restringir progressivamente somente a religião, permitindo que outros tipos de explicações tomassem forma na sociedade, como a filosofia, mesmo que primeiramente ainda um tanto pautada em certos aspectos místicos.

Aos poucos estes primeiros filósofos chamados de pré-socráticos tentaram formular explicações para a existência do mundo e suas coisas, um deles era Tales de Mileto, que dizia que a água era a origem de todas as coisas, pois esta era o substrato permanente, do qual tudo nasce e para o qual tudo volta. Posteriormente encontra-se Empédocles de Agrigento, o qual exprimia a ideia do mundo ser formado pelos quatro elementos - terra, fogo, água e ar - que eram iguais entre si, porém únicos em suas características, estes elementos eram trabalhados por duas forças, o amor e a discórdia, desta forma eram capazes de criar tudo o que existe (KIRK; GEOFFREY, 1982).

Guiados por estes trabalhos e tantos outros, os filósofos e mais tarde os cientistas, através de seus estudos e movimentos como o Iluminismo, foram capazes de desmistificar o universo, e por conseguinte a água, sendo agora tratada como substância química, presente em 70% do nosso corpo, líquido embrionário, excelente solvente, líquido indispensável para a manutenção da vida seja internamente ou externamente por meio da higiene. Assim, vemos a racionalização da água e sua redução aos dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio (H₂O).

Entretanto, ainda hoje, enquanto somos mantidos à luz das explicações empíricas, a água permanece capaz de exercer sua força imaginativa. Exemplo disso é a quantidade e variedade de poesias, canções, quadros e demais formas de arte que são inspirados por ela. Suas diferentes manifestações vêm causando devaneios aos artistas por séculos, logo esta força-motriz de entusiasmo chamou atenção de Bachelard, que buscou descrevê-la no livro *A água e os sonhos* (1989).

Para o autor, a água é o elemento mais feminino de todos, também apresenta uma maior uniformidade capaz de ir ao encontro das forças humanas mais íntimas. Assim como a própria água está sempre em movimento, tal

capacidade transitória permite que dentro dela e através de seus devaneios o ser morra e renasça constantemente; abrigando dentro de si essa capacidade ambivalente, tão característica da imaginação material, que necessita de ambos os pólos contrários para ir ao encontro dos devaneios.

Em seu livro, Bachelard explora a imaginação material e suas primeiras formulações, sendo que a principal dualidade é entre as águas claras, nutritivas, e as águas sonhadas, profundas. Neste processo, o autor busca mostrar que mesmo parecendo que as águas superficiais sejam menos capazes de despertar devaneios profundos, pois se tratam de ilusões, imagens fáceis e efêmeras, apenas reflexos do real, sendo que para ilustrar este tema o autor utiliza-se do mito de Narciso, elas ensinam a contemplação do todo e principalmente de si mesmo através do reflexo.

Reflexo esse que aos poucos aprofunda-se e se transforma em uma contemplação interna, adentrando, enfim, na profundidade das águas e materializando-se para receber os segredos do sonhador. Assim, a água mistura-se à noite, absorvendo as sombras, escurecendo, ganhando um novo tipo de devaneio, o fúnebre, que vem acalentado pela dormência e morosidade da água, esta que é capaz de trazer a morte tranquila, contemplativa, apaziguando os horrores, e servindo como o caminho para o destino final.

Porém nem só de algo sinistro se compõe a água escura, há de se encontrar doçura, em que na ausência escaldante do sol, possa se sentir os odores frescos das águas da noite, ainda mesmo nesta quando apresenta seu lado mais calmo, nos lembra um aspecto maternal que acolhe, e ainda gera vida, em Bachelard: "A morte numa água calma tem feições maternas. O horror aprazível é 'dissolvido na água que torna leve o germe vivo'". (BACHELARD, 1989, p.93)

Tal como símbolo de morte, estas águas são silenciosas, plácidas, sinais de uma morte que não é agitada, desesperadora, mas sim de uma morte que permanece conosco, que nos adormece no sono ininterrupto. Entretanto, a água é também o elemento progenitor de vida, ela que é capaz de fecundar a terra, de comportar em si os nutrientes para manter a vida, assim como o leite a bebida fundamental primitiva faz com os seres humanos.

A intuição da bebida fundamental, da água nutritiva como um leite, da água encarada como elemento nutritivo, como o elemento que digerimos com evidência, é tão poderosa que talvez seja com a água assim *maternizada* que se compreende melhor a noção fundamental de elemento. (BACHELARD, 1989,p.130)

Juntamente com o leite, vem a mãe, o sentido maternal de amor incondicional, afeto que nos embala, e é responsável pelo despertar das primeiras forças imaginativas; Mas ela não só é a mãe, é também mulher sensual deslizando em suas curvas, como nas dos rios frescos e doces, puros em sua essência, as águas então são as responsáveis por nossos primeiras trocas, sejam elas biológicas (alimento) ou afetivas.

Por fim, escrever sobre a água é evocar desde imagens banais e frescas do cotidiano até momentos reflexivos em frente ao mar. A dinâmica da água com o ser humano desperta sensações dualistas por essência, a mesma água clara, límpida, fresca que tanto prezamos é também a água profunda, misteriosa, às vezes violenta da qual temos receio. Assim, vamos criando formas de trabalhar a água, de dominá-la, ou pelo menos pensamos ser assim, pois as enchentes, tsunamis, vem para nos mostrar que este controle é relativo, e que sempre é bom manter em mente que devemos cuidar melhor da nossa fonte de vida.

3.1 A ÁGUA COMO ELEMENTO FEMININO

Desde a partida da África até chegar em terras brasileiras, as dificuldades e misérias enfrentadas pelo povo africano foram inúmeras, sendo tratados não como seres humanos, mas como mercadoria, perderam não só sua liberdade física e sua casa, mas também seu direito de expressão e sua Terra Mãe, além de todos os tipos de violências que enfrentaram.

Ao decorrer dos séculos, o povo africano encontrou formas de manter seus costumes, sua cultura, por vezes disfarçada, como orações aos seus deuses em forma de canções, despistadas com o sincretismo, as lutas em forma de dança, entre outros meios.

As mulheres que em território africano eram exímias comerciantes encontravam nos mercados centrais seu novo meio econômico, a princípio por mando de seus senhores, depois da abolição por necessidade própria. As "negras ganhadeiras", como eram conhecidas, movimentavam o mercado e a economia vendendo seus doces típicos, frutas, louças, e o que mais pudessem comercializar. Com o tempo, esta prática permitiu que conseguissem comprar suas próprias alforrias, e progressivamente de outros escravos. Ainda mais após a Lei do Ventre Livre, chegando a reunir capital, fazendo com que houvesse mudanças nas estruturas sociais e familiares.

Se na África os casamentos eram poligâmicos, e era responsabilidade do homem manter e proteger mulheres e filhos, no Brasil o poder aquisitivo e de chefia das famílias passou a ser das mulheres, tal porque os homens negros aqui já não tinham mais a capacidade de oferecer proteção para a família, e se viam marginalizados na sociedade. Sobre essa alternância de poder central familiar, Rita Laura Segato aponta:

De fato, o poder e a autoridade que os homens tradicionalmente podiam exercer sobre suas mulheres e seus descendentes mesmo naquelas sociedades africanas onde elas têm mais acesso à independência econômica e as posições de alto status, foram minados no Brasil pelas leis da escravidão. Estes homens, então, perderam qualquer tipo de controle sobre esposas e filhos e foram expulsos dos papéis sociais que sempre haviam desempenhado. Nenhuma atividade alternativa foi deixada ao seu alcance no que diz respeito às relações familiares (...) Com isto, um dos produtos sociais da escravidão foi, provavelmente, não só a mudança de padrões de comportamento, mas, sobretudo, no que se refere às concepções do que homens e mulheres representam culturalmente e do que se espera que façam socialmente. Esta situação foi prolongada depois do fim da escravidão como consequência da marginalidade econômica a que ficaram condenados os homens de cor (SEGATO,2000, p.84)

Assim, essa alteração de papéis sociais não se refletiu apenas na constituição familiar, mas se repercutiu na religiosidade, logo as mulheres foram as responsáveis a abrir os primeiros terreiros do então nascido Candomblé, religião puramente brasileira oriunda da miscigenação da cultura dos deuses

cultuados por diferentes povos africanos. Sobre esta formação cultural/religiosa em solo brasileiro, Prandi aponta:

O candomblé (...) é a religião dos orixás formada na Bahia, no século XIX, a partir de tradições de povos iorubás, ou nagôs, com influências de costumes trazidos por grupos fons, aqui denominados jejes, e residualmente por grupos africanos minoritários. O candomblé iorubá, ou jeje-nagô, como costuma ser designado, congregou, desde o início, aspectos culturais originários de diferentes cidades iorubanas, originando-se aqui diferentes ritos, ou nações de candomblé. (PRANDI, p.44, 2001a)

As mulheres não só foram responsáveis por abrir os terreiros, como também assumiram os papéis de líderes religiosos, destacando assim o papel da mulher tanto na esfera social como religiosa. Estas líderes, também conhecidas como lalorixás, recebem influência religiosa das orixás mães, as quais eram conhecidas como *Yabás* sendo elas: Nanã, Iemanjá, Oxum, Oyá, Obá e Euá. Estas orixás representavam poderes da natureza e arquétipos femininos que serviam de exemplo para a sociedade, trazidas para o novo mundo e auxiliando suas filhas nos novos papéis a assumir.

3.2 AS PRIMEIRAS SENHORAS DA ÁGUA: NANÃ E IEMANJÁ.

As *Yabás* são as principais orixás femininas do candomblé, detentoras de um grande axé. Em suas histórias, são retratadas como modelos de mulheres fortes, poderosas, lutadoras, de grande astúcia, ao mesmo tempo que não deixam de lado sua feminilidade, meiguice, seu instinto materno.

Dentre essas orixás, Nanã e Iemanjá são as mais antigas, aproximando-se mais das ancestrais femininas, as *Iá Mi Oxorongá*², as mães feiticeiras primordiais, capazes de gerar vida e de recolhê-la quando necessário, seres completos em si mesmos, que representam o poder feminino. Sobre as *Iá Mi* e seu poder dual, a autora Irinéia dos Santos escreve:

² feiticeiras, mães ancestrais. Prandi, Reginaldo. Mitologia dos Orixás, p.566.

(...) percebe-se que o poder das Lá Mi representa o próprio poder criador, criativo, que para trazer o novo, precisa destruir o velho. É a própria ordem natural, o ciclo de vida e morte que é a síntese do poder feminino. Segundo Ronilda Iyakemi Ribeiro “as Iya-agba (as anciãs, pessoas de idade, mães idosas e respeitáveis), também chamadas Agba, Iyami (minha mãe), Iyami Osorongá (minha mãe Oxorongá) Ajé, Eleye (Senhora dos pássaros), representam os poderes místicos da mulher em seu duplo aspecto – protetor e generoso/perigoso e destrutivo”. (SANTOS, 2008, p.67)

Tanto Nanã quanto Iemanjá expõem em suas características e histórias os aspectos criadores e destruidores, participando da criação do mundo e do ser humano, ambas criadoras de vida e ao mesmo tempo sendo capazes de ter em suas mãos a destruição.

No primeiro mito, "Iemanjá ajuda Olodumare na criação do mundo" (ANEXO A), podemos compreender a criação do mundo e o surgimento da própria Iemanjá. A seguir um trecho do mito, onde Olodumare começa o ato criativo:

(...) Libertou as suas forças e a violência delas fez jorrar uma tormenta de águas. As águas debateram-se com rochas que nasciam e abriram no chão profundas e grandes cavidades. A água encheu as fendas ocas, fazendo-se os mares e oceanos em cujas profundezas Olokum foi habitar. Do que sobrou da inundação se fez a terra. Na superfície do mar, junto à terra, ali tomou seu reino Iemanjá, com suas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas. Ali nasceu Iemanjá em prata e azul, coroada pelo arco-íris Oxumarê (...) Iemanjá encantou-se com a Terra e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas. (PRANDI, 2001, p.380b)

Podemos observar através dessa passagem que a primeira forma pela qual as águas vieram ao mundo foi pelas forças violentas, a primeira representação formada sobre a água é suscitada por meio de um devaneio de provocação, o qual se dá sobre a vontade do ser humano vencendo a matéria, onde este a trabalha imprimindo suas forças para moldá-la segundo suas ânsias.

Além disso, do encontro da água violenta com o chão, com as rochas, nasce em suas cavidades o oceano e lemanjá, porém este nascimento, apesar de sua força dinâmica destrutiva, ainda conserva uma espécie de iniciação, que não remete a algo hostil, mas sim a um aspecto de gozo primordial.(Bachelard, 1989 p.172) que se liberta das dificuldades que normalmente acompanham iniciações, carregando apenas um estado de júbilo, pelo trabalho atingido pelo homem frente a matéria.

Ainda atendendo ao que Bachelard chama de apelo da água, no qual o elemento chama por um habitante, por algo para tornar-se um com ele, assim lemanjá vem assentar seu reino, fazendo das águas uma pátria, vindo a simbolizar-se como pátria-mãe, principalmente com o advento da diáspora, onde a terra mãe já não podia mais se fazer presente.

Filhos estes, que se alimentam de suas águas ricas, seu mar alimento, onde "...com suas algas e estrelas-do-mar, peixes, corais, conchas, madrepérolas..." evocam a imagem da riqueza do mundo submarino, onde se encontra o líquido abundante em nutrientes, que nos remete à imagem substancial do leite materno, que se espalha por toda a terra, por meio dos seus rios, cascatas e lagoas, garantindo a manutenção da vida.

De acordo com Bachelard:

Como já observamos, para a imaginação material todo líquido é uma água. É um princípio fundamental da imaginação material que obriga a pôr na raiz de todas as imagens substanciais um dos elementos primitivos. Esta observação é já justificada visualmente, dinamicamente: para a imaginação, tudo o que escoa é água; tudo o que escoa participa da natureza da água, diria um filósofo. (...) Mais exatamente, toda bebida feliz é um leite materno. Temos aí o exemplo de uma explicação em dois estágios da imaginação material, em dois graus sucessivos de profundidade inconsciente: primeiro, todo líquido é uma água; em seguida toda água é um leite.(BACHELARD, 1989 p.121)

Se toda a água é um leite, e todo leite nos remete à lembrança maternal, compreendemos porque na versão lorubá, tanto na criação do mundo como na criação dos primeiros seres humanos, temos a presença fundamental do

elemento água e da mulher, são elas que entremeadas ao elemento permitem que haja vida.

Tratando-se da orixá Nanã, encontramos no mito "Naná fornece a lama para modelagem do homem" (ANEXO B), a presença de fundamental importância dessa orixá, senhora das águas paradas, pantanosas, e dos lagos, que vem como boa mãe, prestar auxílio na história da humanidade, que pode ser observado no trecho do mito abaixo.

Foi então que Nanã Burucu veio em seu socorro. Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu cetro e arma, e de lá retirou uma porção de lama. Nanã deu a porção de lama a Oxalá, o barro fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nanã. (...) Mas tem um dia que o homem morre e seu corpo tem que retornar à terra, voltar à natureza de Nanã Burucu. Nanã deu a matéria no começo mas quer de volta no final tudo o que é seu. (PRANDI, 2001, p.196b)

Isto é, no fundo do lago de Nanã que se encontra a lama, lama que não é suja, na verdade é cheia de vida, que é criada a partir do trabalho ao mesmo tempo dissolvente e agregador da terra e da água. Que gera e trabalha a massa, elemento metamorfoseante que ativa os sentidos, que abre espaço para o devaneio, pois é na falta da imagem da forma sólida, que o imaginar ganha força e se expande.

Alimentado pela força das águas de Nanã, com a calma que deve ser de uma água específica dessa orixá, amolece a substância, tornando-a viscosa, separando e unindo novamente, transformando-a em elemento novo, vida nova, feita do trabalho das forças contrárias, do masculino e do feminino, pronto para ser moldado e conter vida, ainda, segundo Bachelard:

(...) a vida material da água em sua essência, em sua contradição. A água "luta contra sua própria obra". É a única maneira de tudo fazer, de dissolver e coagular. Esse poder bivalente estará sempre na base das convicções da fecundidade contínua. Para continuar, é preciso reunir contrários.(BACHELARD, 1989,p.115)

Contudo, esta lama não pertence ao homem, mas sim à Nanã e deve retornar a ela. Deste modo encontrou-se um meio de demarcar a passagem da vida humana na terra, a lama da vida deve voltar a dissolver-se nas águas para assim fazer parte novamente do lago, das águas profundas de Nanã, voltar ao início de tudo, pois como também nos diz Bachelard, “o passado de nossa alma é uma água profunda” (idem, p.55) por isso, é tão bem acolhido no lago de Nanã, pode sentir-se novamente parte do todo do qual veio.

Além de que, como aponta o autor, o devaneio da morte na água, é tranquilo, o elemento ajuda a matéria, o corpo, a se dissolver, a encontrar a desobjetificação, fornecendo uma assimilação das imagens, dos sonhos, conduzindo para uma morte calma, sonolenta, tal qual como o lago de que faz parte, este lago que abriga ao mesmo tempo a água da vida e da morte, da mesma profundidade sem luz que germina a lama, volta-se no final para descansar nas sombras, na água dormente do lago calmo de mãe Nanã.

Eis, portanto, por que a água é a matéria da morte bela e fiel. Só a água pode dormir conservando sua beleza; só a água pode morrer, imóvel, conservando seus reflexos. Refletindo o rosto do sonhador fiel à Grande Lembrança, à Sombra Única, a água dá beleza a todas as sombras, faz reviverem todas as lembranças. (BACHELARD, 1989 p.69)

Assim, observa-se o controle do elemento água entre ambas as divindades, cada uma abrangendo certas características do elemento, sendo ele responsável pela existência da vida humana, iniciando ao se misturar com terra e ser a lama de Nanã que faz a vida surgir e depois através de lemanjá garantindo a manutenção da vida, para no fim voltar ao estado natural novamente nas mãos da primeira orixá, nota-se que ambas apresentam uma coabitação, sendo uma necessária à outra e indispensáveis para que exista vida no *aiê*³.

³ "Terra, o mundo dos homens".

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bachelard, diante de seus devaneios e projetando-se no seu leitor hipotético busca uma autojustificativa para si e seu estilo:

[...]Dirão que nossas interpretações são monótonas e retornam constantemente ao mesmo ponto. A culpa não é nossa, mas do inconsciente dos homens, que vai buscar em sua pré-história os temas eternos sobre os quais, em seguida, borda mil variações diferentes. (BACHELARD, 1989, p.62)

Se as interpretações são monótonas ou não, dependerá de cada olhar que as contempla, no final o que cabe a nós é refletir sobre estas mil buscas, e ver os diferentes caminhos que nos levam a perceber as histórias, a vida, o mundo com outras lentes.

Assim, pegamos o caminho de Gastón Bachelard, que aponta que, para um arquétipo elemental ser capaz de despertar um devaneio precisa conter em si a síntese dos opostos, deve ser capaz de despertar ambas as naturezas de devaneio para ser completo.

Tendo isso em mente, podemos constatar como a mitologia lorubá vai ao encontro desse pensamento, pois a natureza de sua crença, de seus orixás celebra a natureza e sua dualidade cósmica, onde estes seres, mesmo abrigando dentro de si uma completude, necessitam de esforços entre os seus para manter e criar a vida.

Logo, nos dois mitos analisados, observou-se como cada uma das orixás desperta tanto a força criativa como a destrutiva, mesmo que comumente lemanjá seja tomada mais pelo seu aspecto criador e fecundativo, como a rainha das águas, a mãe de todos, ainda preserva aspectos mais violentos. Afinal ela vem ao mundo por meio de um ato de força do próprio elemento água, que vai cavar na terra seu espaço, e estabelecer assim seu lugar, para então gerar vida, o que é normalmente ofuscado por todas as características benevolentes que esta orixá apresenta.

Igualmente, vemos em Nanã a predominância do arquétipo calmo e sombrio da água, a orixá que controla a vida e a morte das pessoas, mostra que a água vem abraçar seus filhos na morte, fazendo com que a volta da matéria para seu estado de origem seja tranquila. Porém quando analisado o mito, vemos que a lama que serve de base para o ser humano, vem do fundo do lago, sendo assim uma lama criada a partir do trabalho dos opostos - terra e água - onde a água desune e une a terra para criar algo novo, vida nova. Assim sendo, a lama de Nanã fecunda auxilia a criar algo novo.

Por fim, ambas as orixás são também as *yabás*, as mães primordiais, as *Iá Mi Oxorongá*, os arquétipos femininos primeiros, que muito viveram e muito sabem, necessárias para a vida e sua manutenção. Vemos naturalmente a associação que a cultura lorubá teceu entre elas e o elemento água, sendo este, como Bachelard diz, o elemento mais feminino, provido das mais diversas nuances, acima de tudo indispensável para a vida, assim sendo capaz de ser o portador dos poderes e vontades das orixás, exprimindo através delas os anseios, dúvidas e projeções da humanidade.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. [L'eau et les rêves, tradução de Antonio de Pádua Danesi] São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. [La terre et les reveries du repos, tradução de Paulo Neves da Silva] São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. [L'air et les songes, tradução de Antonio de Pádua Danesi] 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BULCÃO, Marly. Bachelard: a noção de imaginação. **Reflexão**, v. 28, n. 83/84, 2015.

SANTOS, Irinéia M. Franco dos. Iá Mi Oxorongá: As Mães Ancestrais e o Poder Feminino na Religião Africana. **Sankofa (São Paulo)**, v. 1, n. 2, p. 59-81, 2008.

PESSÔA, André Vinícius. Gaston Bachelard e a imaginação material e dinâmica. In: **XI Congresso Internacional da ABRALIC Têxtil, Interações, Convergências. São Paulo**. 2008.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução de Pola Civelli. **São Paulo: Perspectiva**, 1972.

KIRK, Geoffrey Stephen; RAVEN, John Earle; SCHOFIELD, Malcon. **Os filósofos pré-socráticos** (Vol. 1944). Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

PRANDI, Reginaldo. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, p. 43-58, 2001a.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

RANGEL, Maria Cristina; GOMBERG, Estélio. A água no candomblé: a relação homem-natureza e a geograficidade do espaço mítico. **Geoiingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PGE/UEM)**, v. 8, n. 1, p. 23-47, 2016.

SEGATO, Rita Laura. Inventando a natureza: família, sexo e gênero no Xangô do Recife. **Anuário antropológico**, v. 10, n. 1, 1986.

ANEXO A- Mito Iorubá: Iemanjá ajuda Olodumare na criação do mundo

Olodumare-Olofin vivia só no Infinito,
cercado apenas de fogo, chamas e vapores,
onde quase nem podia caminhar.
Cansado desse seu universo tenebroso,
cansado de não ter com quem falar,
cansado de não ter com quem brigar,
decidiu pôr fim àquela situação.
Libertou as suas forças e a violência
delas fez jorrar uma tormenta de águas.
As águas debateram-se com rochas que nasciam
e abriram no chão profundas e grandes cavidades.
A água encheu as fendas ocas,
fazendo-se os mares e oceanos,
em cujas profundezas Olofin foi habitar.
Do que sobrou da inundação se fez a terra.
Na superfície do mar, junto à terra,
ali tomou seu reino Iemanjá,
com suas algas e estrelas-do-mar,
peixes, corais, conchas, madrepérolas.
Ali nasceu Iemanjá em prata e azul,
coroada pelo arco-íris Oxumarê.
Olodumare e Iemanjá, a mãe dos orixás,
dominaram o fogo no fundo da Terra
e o entregaram ao poder de Aganju, o mestre dos vulcões,
por onde ainda respira o fogo aprisionado.
O fogo que se consumia na superfície do mundo eles apagaram
e com suas cinzas Orixá Oxô fertilizou os campos,
propiciando o nascimento das ervas, frutos,
árvores, bosques, florestas,
que foram dados aos cuidados de Ossaim.
Nos lugares onde as cinzas foram escassas,
nasceram os pântanos e nos pântanos, a peste,
que foi doada pela mãe dos orixás ao filho Omulu.
Iemanjá encantou-se com a Terra
e a enfeitou com rios, cascatas e lagoas.
Assim surgiu Oxum, dona das águas doces.
Quando tudo estava feito
e cada natureza se encontrava na posse de um dos filhos de Iemanjá,
Obatalá, respondendo diretamente às ordens de Olorum,
criou o ser humano.
E o ser humano povoou a Terra. E os orixás pelos humanos foram celebrados.

(Mito encontrado na página 380/381, Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi.)

ANEXO B- Mito Iorubá: Nanã fornece a lama para a modelagem do homem

Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, o orixá tentou vários caminhos. Tentou fazer o homem de ar, como ele. Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu. Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura. De pedra ainda a tentativa foi pior. Fez de fogo e o homem se consumiu. Tentou azeite, água e até vinho-de-palma, e nada. Foi então que Nanã Burucu veio em seu socorro. Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu cetro e arma, e de lá retirou uma porção de lama. Nanã deu a porção de lama a Oxalá, o barro fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nanã. Oxalá criou o homem, o modelou no barro. Com o sopro de Olorum ele caminhou. Com a ajuda dos orixás povoou a Terra. Mas tem um dia que o homem morre e seu corpo tem que retornar à terra, voltar à natureza de Nanã Burucu. Nanã deu a matéria no começo mas quer de volta no final tudo o que é seu.

(Mito encontrado na página 196/197, Mitologia dos Orixás, Reginaldo Prandi.)